

A Máquina Da Reminiscência: A Tecnologia Dis(U)Tópica da Memória em Caminhos Da Memória¹

Maria Laura Vieira Cavalcanti Viana²

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

Neste estudo, investigamos a máquina de reminiscência presente no filme *Caminhos da Memória* (2021), dirigido por Lisa Joy. Por meio de análise fílmica e pesquisa bibliográfica, exploramos sua relação com a tecnologia, a memória e a humanidade. A máquina permite reviver memórias como experiências reais, preenchendo o vazio do presente e a falta de esperança no futuro com uma nostalgia utópica do passado. Inspirados por estudiosos como Mauricio Lissofsky, Angela Prysthon, Carolina Figueiredo, entre outros, buscaremos entender como a memória, especialmente a nostalgia, se relaciona com a humanidade em um universo distópico, onde a utopia reside no passado. Refletiremos sobre como essa tecnologia, que permite essa experiência, se assemelha a uma tecnologia audiovisual e as questões humanas e éticas que surgem a partir dela.

PALAVRAS-CHAVE

Memória; tecnologia; ficção científica; distopia; máquina.

CORPO DO TEXTO

No contexto atual de avanços tecnológicos acelerados e futuro incerto, o audiovisual destaca-se como ferramenta de reflexão sobre o porvir e expressão do imaginário humano. A ficção científica (FC), nesse cenário, assume papel central ao explorar futuros possíveis e tecnologias imaginativas. Em 1902, Georges Méliès lançou ao mundo o que hoje é considerado o primeiro filme de ficção científica já feito, *A viagem*

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Tecnologia e Sociedade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Aluna de Mestrado na UFPE, email: lauraviana49@gmail.com

à *Lua*, trazendo com ele dois elementos, esses elementos que hoje são considerados essenciais para uma obra de ficção científica: o futurismo e a tecnologia. Desde *A Viagem à Lua* o gênero tem sido palco para visualização de distopias, utopias e inovações, revelando esperanças e temores sociais (Roberts, 2018). Filmes como *De Volta para o Futuro* (1985) exemplificam a troca entre ficção e realidade tecnológica, evidenciando como o cinema influencia o modo como a humanidade se relaciona com o futuro, já que apresentou para os viventes na década de 80 uma possibilidade de como o futuro de 2015 poderia ser. Quando a humanidade finalmente alcançou o ano de 2015 no tempo corrente, foi impossível não comparar o mundo imaginado há 30 anos com o que ele realmente se tornou, e gerando o debate de o quanto do que se tornou real foi possível graças ao que foi pensado na ficção.

Em *Caminhos da Memória* (2021), de Lisa Joy, a FC aborda o passado como refúgio, ambientando-se em um mundo colapsado por desastres ambientais e é nesse cenário, que a nostalgia ganha centralidade e a memória torna-se o único espaço de felicidade. A falha do presente e a incapacidade de pensar historicamente dão ainda mais significado a nostalgia (Prysthon, 2014 *apud* Jameson, 1994). É o esvaziamento da possibilidade de futuro, a falta de esperança com o que está por vir, que faz o estilo de vida nostálgico ganhar tanta força no filme. A máquina de reminiscência, inicialmente criada para fins criminais, permite reviver memórias com intensidade sensorial, funcionando como uma viagem ao passado mental.

Historicamente, imagens sempre foram recursos na investigação criminal, como no uso do retrato falado desde 1881 (Faria; Azevedo, 2014), mas também representam uma maneira de vigiar e de ferramenta de controle. Lissovsky (2018) ressalta a importância da imagem mecânica na identificação de movimentos e gestos, estabelecendo um elo entre a fotografia e a máquina do filme, que permite não só recordar, mas decupar e reviver experiências perdidas. E é nesse *modus operandi* que mantém a sociedade operando, a memória, na obra, é convertida em imagem corpórea, e a máquina, com seus componentes comparáveis à câmera fotográfica e ao projetor audiovisual, passam a exercer função social para além da criminologia, que já é seu papel principal quando a trama começa. É nesse cenário que o protagonista Nick Bannister conduz os clientes nessa

jornada temporal, mas é pego nas armadilhas de seu próprio trabalho quando se envolve em uma trama complexa com a misteriosa Mae.

Assim, a nostalgia se torna um modo de vida diante da falência do presente. Como aponta Lissovsky (2018, p. 11, apud Agamben, 2000, p. 52), “sociedades que perdem seus gestos tentam registrá-los e revivê-los”. A máquina, nesse sentido, se transforma de instrumento policial em objeto recreativo, oferecendo uma ilusão de retorno ao passado, mesmo que incompleto, em um presente esvaziado de gestos e futuro.

O mundo ainda existe, mas com a iminente certeza de que pode se extinguir a qualquer momento. No universo de *Caminhos da Memória*, o presente é marcado pela tristeza, pelo infortúnio e pela completa ausência de esperança — e o futuro, mais do que nunca, é uma incerteza. A humanidade se encontra à beira do precipício, oscilando para frente e para trás, prestes a despencar, sem qualquer expectativa de resgate, seja por super-heróis, ONGs ou políticas públicas. Não há fôlego novo, apenas sobrevivência.

É nesse cenário que se desenrola a trama, tendo como pano de fundo uma Miami devastada pela crise climática, parcialmente submersa devido à elevação do nível do mar. Os poucos terrenos secos restantes são controlados pelos ricos, que detêm também o poder e os recursos agrícolas. A maioria da população vive nas áreas inundadas, como cidades venezianas desprovidas de charme, ou em zonas protegidas por barreiras frágeis, sempre ameaçadas de transbordar a qualquer momento. O ambiente opressivo reflete a fragilidade das estruturas sociais e ambientais.

Neste contexto, a máquina da reminiscência ocupa um papel central na sociedade. Ela oferece às pessoas a possibilidade de reviverem suas memórias mais queridas, funcionando quase como uma droga socialmente aceita — um alívio momentâneo para a dor do presente. Como observa Prysthon (2014), a nostalgia, geralmente tratada como um sentimento regressivo, pode assumir um caráter utópico. Se o futuro já não oferece promessas, resta ao passado ocupar esse lugar de refúgio idealizado. A felicidade, outrora buscada no amanhã, agora só pode ser encontrada no que já foi vivido.

A máquina permite que seus usuários mergulhem em lembranças passadas, revivendo momentos felizes, ainda que à custa de tempo presente. O dilema que atravessa a narrativa é claro: viver no passado, mesmo que ilusoriamente, é mais válido do que enfrentar um presente sem perspectivas? A utopia se desloca — não está mais no porvir, mas na

memória. A experiência nostálgica se torna a nova forma de esperança, mesmo que ilusória, oferecendo uma espécie de anestesia coletiva.

Muitos personagens se deixam consumir por essa nostalgia, vivendo apenas para revisitar o que já foi. Alguns sobrevivem em função de poder reviver, algumas vezes por semana, instantes de felicidade que estão em suas memórias do passado. Como diz Prysthon (2014, p. 14), a cultura contemporânea é “profundamente marcada pela memória e por múltiplas formas de nostalgia”. Cruz (2013), por sua vez, ressalta que há anos estudiosos identificam uma obsessão coletiva com a memória, fenômeno conhecido como “cultura da memória”. Essa tendência se reflete na própria indústria cultural, com a multiplicação de remakes, reboots e continuações de obras clássicas — tentativas de reviver o que já deu certo, o que é conhecido, o que conforta.

Mas esse reviver não vem sem custos. A máquina de Reminiscência exige mais do que o tempo do presente: exige também a privacidade. As memórias, por mais íntimas que sejam, são exibidas como projeções tridimensionais, acessíveis a todos na sala. Não há espaço seguro dentro da mente. O corpo, a memória e a subjetividade tornam-se domínios públicos, vulneráveis à exploração institucional e tecnológica. Como afirma Figueiredo (2011, p. 259), “o corpo é tanto ponto de partida quanto domínio final do poder distópico”. No filme, isso se estende à mente — ela é colonizada, invadida, e utilizada como instrumento de controle.

Essa violação da memória e da mente é naturalizada dentro do sistema distópico do filme. A memória se torna prova jurídica, testemunha ocular objetiva. A máquina não precisa sequer da permissão do usuário para acessar sua mente, como demonstrado quando Nick assiste às memórias de Boothe. Neste momento, a tecnologia revela também seu potencial destrutivo: ao forçar Boothe a reviver lembranças dolorosas, Nick causa sua morte ao o “fritar” — termo usado para descrever mortes induzidas pela sobrecarga da máquina. O poder sobre o corpo e a mente é, portanto, político.

Em *Caminhos da Memória*, o privado já não existe — tudo é acessível, visível, vulnerável. Um mandado judicial é suficiente para tornar públicas as lembranças mais pessoais. Como diz Figueiredo (2011, p. 260), “o organismo humano é reduzido a instrumento funcional dentro da máquina social”. As pessoas tornam-se dispositivos de armazenamento, pendrives vivos que guardam dados emocionais e históricos, disponíveis

para uso pelo sistema. Nesse universo, as lembranças já não pertencem a quem as viveu: são recursos, são provas, são mercadorias.

Ao analisar e destrinchar a própria máquina da reminiscência, podemos ver que sua estrutura é uma tecnologia complexa que permite aos indivíduos reviverem lembranças com todos os sentidos, transformando a memória em um espaço sensorial. Assim como a fotografia e o cinema funcionam como suporte da memória imagética, essa máquina tecnológica aprofunda essa relação, atuando como uma espécie de projetor, álbum ou até mesmo cinema 4DX, ao permitir que as memórias sejam não apenas vistas, mas sentidas.

Como aponta Cruz (2013), o digital se apresenta como um repositório universal da memória, e os pequenos cartões de vidro usados no filme operam como suportes contemporâneos desse arquivamento, funcionando como backups das memórias revisitadas. Ainda assim, o verdadeiro atrativo está no tanque, espaço onde o corpo do usuário, parcialmente submerso e estimulado, entra em um estado de profundo desligamento do presente, mergulhando em uma nostalgia que, segundo Prysthon (2014), paralisa o agora em nome de um passado idealizado.

A tecnologia, nesse contexto, apenas opera com a presença do humano — ele é tanto o operador quanto a própria câmera que grava e revive. Contudo, essa revivência retira a privacidade da memória, exibida por um projetor imponente a todos na sala. O que antes era íntimo torna-se público. A estrutura da máquina reforça a transição da utopia à distopia: o passado torna-se o único lugar onde a felicidade ainda pode ser encontrada, mas essa busca constante pela memória também revela um esgotamento do presente.

Como observa Figueiredo (2014), recordar passa a ser a única forma de esperança, e é justamente isso que leva os personagens a dois caminhos possíveis: a entrega total à nostalgia ou a escolha de viver o presente, mesmo sem expectativa de se ter um futuro. No fim, Nick opta pela permanência eterna na memória, enquanto Watts decide por uma reconexão com a vida real. A máquina, portanto, não apenas reproduz lembranças, mas reflete o desejo humano de escapar — e as consequências dessa fuga.

A máquina de reminiscência em *Caminhos da Memória* simboliza o desejo humano de refúgio no passado diante de um presente desolador e um futuro incerto. Por meio dela, a nostalgia transforma-se em utopia, permitindo reviver emoções e sensações de tempos melhores. No entanto, essa busca por consolo acarreta a renúncia do presente,

da privacidade e até da liberdade individual. Tal como o sexo em *Admirável Mundo Novo*, analisado por Figueiredo (2014), a máquina funciona como instrumento de controle social, mantendo a população satisfeita com sua miséria.

A obra também revela o uso da memória como recurso na resolução de crimes, onde a revivência das lembranças funciona como testemunho visual, ecoando o conceito de “imagem viva” de Lisovsky (2018). A máquina, vista sob perspectivas como as de Cruz, Prysthon e Velasco, representa o deslocamento da utopia do futuro para o passado, onde a memória se sobrepõe ao tempo presente, resultando em uma sociedade paralisada.

Além disso, a máquina de reminiscência se assemelha a uma tecnologia audiovisual, permitindo ao público refletir sobre as relações complexas entre humanidade, tecnologia e memória. Em última análise, o filme *Caminhos da Memória* nos convida a uma profunda reflexão sobre como o apego a memória em nossa sociedade por nos deixar presos no tempo. A máquina de reminiscência se torna um símbolo da busca humana por consolo e esperança, mas também de como essa busca pode nos levar a desistir do hoje e do futuro diante de uma realidade cada vez mais complexa e incerta.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, M. G. D.; FARIA, R. A. D. Retrato falado: a evolução do método indiciário para reconhecimento facial. In: BRAZILIAN CONGRESS ON BIOMEDICAL ENGINEERING, 24., 2014, Uberlândia. Proceedings... Curitiba: UTFPR, 2014. Disponível em: https://www.canal6.com.br/cbeb/2014/artigos/cbeb2014_submission_757.pdf. Acesso em: 20 julho 2023.
- BOSI, Ecléa. Memória-sonho e memória-trabalho. **Memória e sociedade**, v. 4, 1987.
- CAMINHOS DA MEMÓRIA. Direção: Lisa Joy. [S.l.]: Warner Bros. Pictures, 2021. 116 min. Legendado. Disponível em: <https://play.hbomax.com/player/urn:hbo:feature:GYQBEaQwta8PCAAEAAAAA-?exitPageUrn=urn:hbo:page:GYQBEaQwta8PCAAEAAAAA-:type:feature>. Acesso em: 04 de julho de 2023.
- CRUZ, Nina Velasco. Audiovisual e memória: refletindo sobre algumas imagens-tempo contemporâneas. In: CARVALHO, Carlos André; LACERDA, Chico; ALMEIDA, Rodrigo (org.). Cinema e Memória. Recife: Editora Universitária UFPE, 2013. p. 104-151.
- FIGUEIREDO, Carolina. Admirável comunicação nova: **um estudo sobre a comunicação nas distopias literária**. Universidade Federal de Pernambuco. 2011.
- LISSOVSKY, Mauricio. Adeus ao Gesto: **Imagem mecânica e autonomia dos movimentos**. Editora: Companhia das Letras, Ano de publicação: 2018.

PRYSTHON, Angela. Utopias da frivolidade. **Recife: Cesárea**, 2014.

ROBERTS, Adam. Verdadeira História Da Ficção Científica. Editora Seoman, 2018.